

5 POEMAS

Ricardo Leão

O LINCHAMENTO

Do mais fundo silêncio arranquei as palavras.
Elas vieram manchadas de sangue e tinta,
Restos de sílabas puídas e podres, vãos poderes
Onde cultivo símbolos de espúria tradução.
As palavras espalharam-se sobre o papel virgem
Com a fúria de uma turba violenta e bárbara,
E trucidaram, sem piedade, o rosto do poema,
E arrancaram suas vestes, e o despiram de tudo,
E mutilaram a sua face com estigmas profundos,
E o apedrejaram com gritos de ódio e ira,
Até que só restou um naco moído de sentido
Que fez dispersar todos os versos perversos.
Um dia depois, fez-se um minuto de luto.
A poesia do mundo tinha um sinal de menos.

EXISTÊNCIA

Antes que eu me preocupasse com emprego,
As faturas e fraturas, a tez, a tese, o doutorado,
A bolsa e o bolso, a dissertação, o mestrado,
Antes que eu me preocupasse com os títulos,
Eu me ocupei com as notas, tarefas e tarifas,
Com as lições nunca aprendidas, a matemática,
Os boletins, notas promissórias da existência.
E antes que eu me preocupasse com a escola,
Eu me ocupei em entender o cosmos todo,
Em compreender as mãos, os dedos, os braços,
Os barcos e os parques, porcos e parcas baças.
E antes que eu me preocupasse com a vida,
Ocupei-me em não ocupar-me, algures e alhures,
Em não ter tantas ocupações, angústias e culpas.
E antes que eu me preocupasse com tudo isso,
Antes que eu me ocupasse com óbices e hábitos,
Eu me ocupei em não ter tantos fardos e fardas.
Agora que tenho todos, já não me preocupo.
Estou pronto enfim para o tédio, o ócio, o nada.

A ROSA DE RILKE

Ó rosa arrancada
Por mãos de colossos,
Agora ofertada
À carne dos ossos.

Ó rosa adorada
No gozo dos rostos,
Estás nas arcadas
Do riso dos mortos.

Percebo-te agora
Na flora que goza,
Ó rosa na aurora!

Da poesia à prosa,
O teu nome aflora:
És rosa, és rosa!

GRAFITOS

Passeio pelas ruas sujas da cidade
E, súbito, explodem vozes anônimas
Nos muros: “Ame! Reaja! Proteste!”
“Nem tudo o que vejo, acredito!”
“Nem tudo o que acredito, vejo!”
São protestos silenciosos e mudos
Contra todo o quadro de absurdo?
Gritos de angústia, brados de revolta?
Clamores estourando pela aorta?

“A poesia está nos muros da cidade!”
Diz-me outro anônimo, cujo grifo
Vem de outras eras, rebelde e proscrito.
Que faço eu entre prédios e casas?
Caminho e erro os paralelepípedos,
Onde tropeço os passos e pássaros.
Estou calado, indago e observo.

“Respeita as mina! Proibido safado!”
“Largue a frescura e assuma postura!”
Sábios conselhos tão imperativos
Que já não sei se sou um inimigo.
Decerto não o primeiro do público,
Que vê no caos mais absoluto
A poesia que não cabe no muro.

“Se traficarmos o amor?” Boa ideia.
Indeciso entre o panfleto e o partido
Ainda penso nos malditos políticos.
O que direi a todos os proletários?
Maiakovski e Brecht são grafiteiros?
Ou escreverei versos o ano inteiro?
Outra voz já me responde: “Grafito
Na parede dos outros é afresco!”
O poema jamais fora tão bonito.

O JARDIM DAS DELÍCIAS

A sibila das sílabas
Queixou-se às palavras
Do silêncio das pálpebras.

O deserto das ilhas
Ferveu o leito das águas,
Calou os lábios das cátedras.

A sibila das sílabas
Olhou ao longe as estrelas
Nos jardins da poesia.

Cantou um sutra às cítaras,
Compôs um verso às letras,
E morreu, ao fim do dia.

Ricardo Leão

é o nome literário de Ricardo André Ferreira Martins. Nasceu em São Luís do Maranhão, aos 2 de março de 1971. Poeta, ficcionista, ensaísta, professor universitário (UENP/CJ). É autor dos seguintes livros: *Simetria do parto* (2000, poesia, Editorial Cone Sul, Prêmio Xerox de Poesia), *Tradição e ruptura: a lírica moderna de Nauro Machado* (2002, ensaio, SECMA), *Primeira lição de física* (2009, poesia, SECMA, Prêmio Gonçalves Dias de Poesia), *Os dentes alvos de Radamés* (2009, 1ª. edição, SECMA, Prêmio Gonçalves Dias de Ficção; 2016, 2ª. edição, Benfazeja), *No meio da tarde lenta* (2012, poesia, Paco Editorial) e *Os atenienses e a invenção do cânone nacional* (2011, ensaio, 1ª. edição, Ética, Prêmio de Ensaio da Academia Brasileira de Letras de 2012; 2013, 2ª. edição, Instituto Geia), *A plumagem do silêncio* (2015, poesia, Nobres Letras), *Minimália ou O Jardim das Delícias* (2017, poesia, Penalux), *A episteme do efêmero* (2020, Patuá).